



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Mestre Woo na ficção

Eu fui vítima do talento do escritor gaúcho-brasiliense Lourenço Cazarré. Servi de inspiração para a criação do personagem-protagonista da novela *A fabulosa morte do professor de português* (Autêntica), dirigida especialmente ao público infantojuvenil, que fez muito sucesso, com milhares de exemplares vendidos.

Nos anos 1980 e 1990, inspirado pelos ídolos da juventude Oswald de Andrade, Paulo Francis, Mario Faustino e Torquato

Neto, eu descia o sarrafo, instalado na condição de crítico. Adotei o lema de Faustino: “Piedade matou minhas ninfas”.

Ao ler a narrativa infantojuvenil *A fabulosa morte do professor de português*, pensei em entrar com um processo para cobrar direitos autorais. Com muita verve, Cazarré reconstitui, de forma satírica e sarcástica, muitos episódios de minhas aventuras e desventuras de crítico literário da taba. A minha família, os meus amigos, os meus inimigos e eu nos divertimos muito.

Sim, porque Cazarré tem senso de humor gaúcho apurado. Sabe transformar cacoc desconexas de histórias em uma ficção interessante. Agora, no último livro, a coletânea de contos *Exercícios espirituais para insônia e incerteza*, o nosso mestre

da medicina chinesa, professor Woo, que coordena o famoso tai chi na Entrepraquadra 104/105 Norte, teve melhor tratamento.

Woo é personagem coadjuvante do conto *Pai, tu tá virando peixe*, protagonizado por um homem apaixonado, de maneira obsessiva, pelas piscinas. Depois de uma das sessões de natação, o homem fica com o corpo todo travado e procura o doutor Woo. Com o instinto do essencial, o mestre bota o dedo na causa da enfermidade: “Corpo bom, mas tenso” — disse o doutor Woo. “Foi magro muito tempo faz.”

Woo aplica as agulhas nos pontos de energia, liga uma maquininha e destrava o corpo do nosso personagem. Ele chegou dizendo que havia se “rendido à feitiçaria”, mas percebe que queimou a língua e sai grato ao mestre da medicina

chinesa pela dádiva: “Senhor precisa é nadar piscina. Se nada, não volta casa chinês”, adverte o mestre.

Cazarré reconhece que a parte do doutor Woo é muito autobiográfica. Sempre gostou de nadar, mas é um péssimo atleta porque aprendeu nos tempos de guri, dando porrada nos rios de Pelotas. Considera que nada como um prego. Foi o último frequentador das piscinas do Clube de Imprensa, de tantas memórias agradáveis. Certo dia, travou o corpo, marcou uma consulta e foi salvo pelo doutor Woo.

Não anteciparei o final do conto *O homem que virou peixe*. Em troca, reproduzo trecho de uma autobiografia escrita pelo próprio Cazarré: “Nada é mais difícil para um escritor do que tentar escrever uma autobiografia, mesmo que resumida. A

inclinação natural para a mentira e para o exagero dos contadores de história é algo que só se aprofunda, com o passar do tempo. Eu, por exemplo, me sinto inclinado a dizer que nasci na Rússia, no século 19, e que fui amigo de três sujeitos: o conde Leão Tólstoi, o doutor Antônio Tchecov e aquele cara esquisito que tinha um sobrenome ainda mais estranho: Gogol”.

Na verdade, Cazarré é gaúcho de Pelotas, mora em Brasília, trabalhou muitos anos como jornalista e ganhou os principais prêmios de literatura do país. Ele resume assim o seu projeto literário para os jovens. “Tento fugir desesperadamente da chatice.” Deu certo: ele ganhou os principais prêmios literários do país e seus livros são lidos por milhares de adolescentes.

DIA DOS NAMORADOS

Assim como

O *Correio* conta a história de amor de três casais que tiveram Brasília como cenário nos primeiros encontros, bem ao estilo da música da Legião Urbana

EDUARDO E MÔNICA

» THAÍS MOURA

Além de serem protagonistas de uma das músicas mais famosas da banda Legião Urbana, Eduardo e Mônica também são a prova de que, em Brasília, é possível viver histórias de amor dignas de se tornar filme. O casal mais conhecido da música brasileira é descrito por Renato Russo como um casal improvável, mas que, apesar dos perrengues, dos gostos e das rotinas diferentes, se apaixonaram e construíram uma história juntos no Distrito Federal. Em comemoração ao Dia dos Namorados, o *Correio* conta a história de três casais que, assim como Eduardo e Mônica, encontraram o amor por acaso, e que tiveram a capital federal como principal cenário para os primeiros encontros.

“Se encontraram sem querer”

A história de amor da empreendedora Paula Kzam, 35 anos, começou há exatamente oito anos, no Dia dos Namorados. Na época, ela trabalhava no Setor Bancário Sul. Certo dia, enquanto usava o metrô para chegar em casa, foi literalmente empurrada para os braços do namorado e programador de TI, Gustavo Delgado, de 41 anos. “A gente trabalhava perto um do outro e, naquele dia, os dois saíram mais cedo do trabalho porque era dia de jogo do Brasil. Ele já estava dentro do vagão quando entrei, porque peguei na estação Central, e eu, na estação Galeria. Como estava muito cheio, as pessoas me empurraram tanto que eu quase caí em cima dele, e ele me segurou”, conta Paula.

Paula e Gustavo conversaram durante a viagem inteira e depois trocaram telefones, assim como Eduardo e Mônica. O primeiro beijo do casal também aconteceu de forma inesperada, 20 dias após o encontro no metrô. “Ele sempre me chamava, por mensagem, para assistir a algum jogo com ele, mas eu nunca ia porque tinha medo, eu vim do Pará e ainda conhecia poucas pessoas em Brasília. Mas, um dia, eu estava passando por Águas Claras com minha amiga, avisei ele que estava lá, e ele me chamou para o bar com alguns amigos. Fui lá, mas não era para ser um encontro de verdade. Aconteceu por acaso. Saímos do bar e o papo continuou na casa de um amigo dele, e, quando esse amigo foi tomar banho, ele me beijou. Depois, nunca mais paramos de nos encontrar”, narra a empreendedora.

Hoje, Paula e Gustavo moram juntos em Águas Claras e, também, são parceiros de trabalho em um negócio criado pela empreendedora. Apesar de terem personalidades diferentes, o casal namora há mais de sete anos. “Ela consegue maratona séries sem parar, mas eu canso logo depois de um episódio. E eu tenho a necessidade de sair com mais frequência, não consigo ficar muito tempo sem ver a rua e outras pessoas, mas ela é mais caseira e conseguiria passar uma semana inteira trancada em casa”, diz Gustavo. Apaixonados pelo pôr do sol de Brasília, cerveja artesanal e bandas de rock, os dois gostam de usar o tempo livre para entrar em contato com a natureza.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Vanessa e Diego se conheceram dentro de um ônibus, em 2013

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Samuel (E) e Igor tiveram o primeiro encontro no Parque da Cidade

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Com metrô cheio, Paula foi praticamente empurrada para Gustavo

“E a vontade crescia”

O romance de Paula e Gustavo não foi o único que teve um “empurrãozinho” dos meios de transporte públicos. O professor Diego Brian Coelho, 25 anos, conheceu a atual esposa e estudante de design gráfico, Vanessa Rodrigues, 25, dentro de um ônibus, em 7 de agosto de 2013, quando os dois voltavam de um curso de jovem aprendiz. Ambos tinham 16 anos na época, assim como Eduardo. Os dois faziam o mesmo curso, em Taguatinga, mas em turmas diferentes. “Eu morava no Cruzeiro e ela em Planaltina, do outro lado da cidade. Mas descobri, neste dia, que tinha um ônibus que ia de Taguatinga para a rodoviária e que passava pela minha casa antes. Por acaso, era o mesmo ônibus dela. Quando passei na catraca, começamos a trocar olhares e tomei coragem pra falar com ela”, conta Diego.

Os dois começaram a conversar na hora e, a partir daí, nunca mais pararam. Eles trocaram telefones e depois que o curso acabou mantiveram contato por mensagem de texto. Mesmo quando eram apenas amigos, morando longe um do outro, a vontade de se encontrar crescia mais a cada dia. Vanessa e Diego deram o primeiro beijo em setembro de 2015, na Universidade de Brasília (UnB), onde estudaram juntos, e tiveram o primeiro encontro oficial alguns dias depois, na Torre de TV. “Escolhemos a torre porque era um lugar bonito que ficava no meio do caminho para os dois. É um lugar muito bonito e,

assim como a UnB, marcou a nossa história, gostamos muito de ir lá”, explica Diego. Hoje, o casal tem um filho de dois anos e está à espera de uma menina.

“No Parque da Cidade”

Para os namorados e universitários Samuel de Mattos, 24 anos, e Igor Rafael de Barros, 22, o amor chegou por meio de um aplicativo de encontros. Apesar de terem gostos bem diferentes, eles deram match no Tinder há cerca de dois anos e assim como Eduardo e Mônica, marcaram o primeiro encontro no Parque da Cidade, em 6 de novembro de 2020. O local virou ponto fixo de encontro do casal e o pedido de namoro também aconteceu lá, um mês depois. “Nos encontramos sempre ao lado do lago, gostamos de fazer piqueniques e de observar os patinhos. Foi muito difícil marcar o encontro porque nossa rotina era muito diferente, então conversamos muito por mensagem antes. Fiquei apaixonado assim que vi o Samuel pela primeira vez”, conta Igor.

“O parque é muito especial para a gente, sempre vamos lá e o que mais gostamos de fazer em Brasília é passear pela natureza mesmo. Acho que a cidade tem um clima bem romântico, ainda mais na temporada de ipês. Neste dia dos namorados queremos dar uma passadinha no Parque e em outros locais com natureza, para ver o pôr do sol e lembrar dos nossos momentos juntos”, acrescenta o estudante.